

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA



TATUAGENS, *PIERCINGS* E OUTRAS INTERVENÇÕES CORPORAIS.
Aproximações interetnográficas entre Recife e Madri.

FABIANA MARIA GAMA PEREIRA

Maria do Carmo Tinôco Brandão
Orientadora

RECIFE - 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA



TATUAGENS, *PIERCINGS* E OUTRAS INTERVENÇÕES CORPORAIS.

Aproximações interetnográficas entre Recife e Madri.

FABIANA MARIA GAMA PEREIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Professora Doutora Maria do Carmo Tinôco Brandão para obtenção do grau de Doutor em Antropologia.

RECIFE - 2007

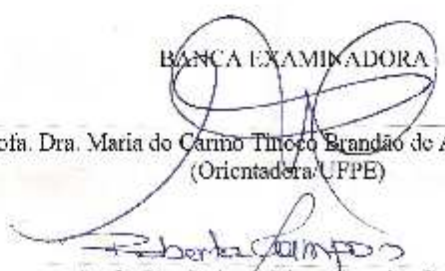
FABIANA MARIA GAMA PEREIRA

**TATUAGENS, PIERCINGS E OUTRAS INTERVENÇÕES CORPORAIS.
APROXIMAÇÕES INTERETNOGRÁFICAS ENTRE RECIFE E MADRI**

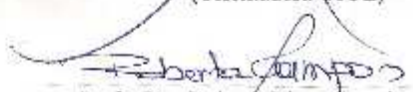
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Aprovada em: 31/05/2007.

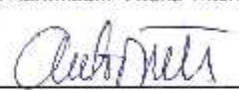
BANCA EXAMINADORA



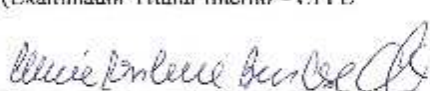
Prof. Dra. Maria do Carmo Tinoco Brandão de Aguiar Machado
(Orientadora/UFPE)



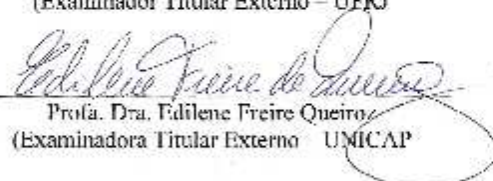
Prof. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos
(Examinador Titular Interno/UFPE)



Prof. Dra. Antônio Carlos Motta de Lima
(Examinador Titular Interno - UFPE)



Prof. Dra. Maria Rosilene Barbosa Alvim
(Examinador Titular Externo - UERJ)



Prof. Dra. Fililene Freire Queiroz
(Examinadora Titular Externo - UNICAP)

Pereira, Fabiana Maria Gama

Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais : aproximações interetnográficas entre Recife e Madri: O Autor, 2007.

208 folhas : il., fig., tab.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2007.

Inclui anexos.

1. Intervenções artísticas – Intervenções corporais. 2. Estilo de vida – Corpo humano como suporte artístico. 3. Contracultura – Tatuagem – Piercing – Body art. 4. Escarificações epidérmicas. 5. Implantes subcutâneos. 6. Suspensões corporais. 6. Estilos de vida – Escolhas estéticas – Modismo. 7. Madri – Recife. I. Título.

**39
391**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2007/16**

A todos que fazem parte do universo da modificação corporal, especialmente aos tatuadores, *piercers* e àqueles que estiveram comigo durante esta trajetória.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus pais, Geraldo e Zaina, que com suas experiências de vida mostraram que nunca devemos desistir, mas lutar para conseguir aquilo que acreditamos.

Ao meu amado esposo Gonzalo, que tanto soube admirar este trabalho contribuindo com todo seu afeto e amor nas horas mais difíceis, tanto na pesquisa de campo em Madri quanto na fase de escrita da Tese.

As minhas irmãs Patrícia e Carol, pelos incentivos e por todos os instantes que compartilhamos juntas.

Aos meus cunhados Claudio e Romero, pelos momentos em família.

Aos meus sogros Armando e Maria Jesus, que sempre estiveram disponíveis nos momentos oportunos.

A Armando, Patrícia e Cristina pelo estímulo e motivação que souberam transmitir.

A CAPES, pela bolsa de estudos concedida durante o Doutorado e pela bolsa “sanduiche” fornecida ao Projeto de Cooperação Internacional, o que foi imprescindível para a realização do trabalho de campo em Madri.

A ALBAN, pela bolsa fornecida durante parte da pesquisa de campo na Espanha.

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Prof. Dr. Bartolomeu Tito Figueiroa de Medeiros pela dedicação e profissionalismo.

À Prof^a. Dra. Maria do Carmo Tinôco Brandão, pelas sábias orientações e por todos os momentos que passamos juntas, tanto na Espanha quanto no Brasil.

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos Motta, pelas co-orientações que foram fundamentais na construção deste trabalho.

Ao todos os interlocutores da pesquisa, especialmente Valnei, Alcidésio e Paco que confiaram em mim e puderam confidenciar suas intimidades, me ensinando sobretudo que por trás daquele corpo marcado há um ser humano com uma estória a contar.

A Negrado, organizador das convenções de tatuagem e *body piercing* em Recife.

Aos clientes dos estúdios de tatuagem e *body piercing* por permitirem as imagens, as entrevistas e as conversas.

Aos proprietários e gerentes dos estúdios de tatuagem e *body piercing*, especialmente Carmem na Espanha por ter permitido a livre circulação nos estabelecimentos, o que foi imprescindível no trabalho de campo em Madri.

A Beltran, por ter facilitado o contato com alguns técnicos e clientes nos estúdios em Madri.

Às colegas de Doutorado, especialmente Rosinha e Dôra pelo companherismo e por todos os momentos em que compartilhamos juntas, tanto nas alegrias quanto nas dificuldades.

Às amigas: Cecília Patrício, Antonieta, Ana Maria, Uilma e Karina por tudo o que passamos juntas durante estes anos de pesquisa e convivência.

A todos os que fazem o grupo “Jovens e Juventudes”.

A Regina, Ana Maria e Míriam pelo profissionalismo e dedicação com que cuidam dos assuntos burocráticos do PPGA.

A Ademilda, pela atenção aos alunos e colegas do Programa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo 1.

Sapatos chineses e pés deformados.....	27
Tatuagens de marinheiros estrangeiros no Brasil	30
Pessoas tatuadas que se apresentavam em espetáculos (séc.).....	32
Mulheres tatuadas	33
Tatuagem na Polinésia (Thaiti)	35
Tatuagem Indiana (henna)	37
Cabeças tatuadas <i>oris</i>	38
Mulheres Aïnous com boca tatuada.....	39
Pinturas corporais indígenas.....	42
Escarificações africanas.....	47
Mulheres “ferradas”	49
Condenado por roubo de jóias em Recife.....	53

Capítulo 2.

Marcel Duchamp.....	63
Antropometries (Ives Klein).....	64

Capítulo 3.

<i>Hippies</i>	69
<i>Punks</i>	70

Capítulo 4.

Cartões de estúdios de tatuagem e <i>body piercing</i>	73
--	----

Capítulo 5.

Primeiros registros de tatuadores.....	83
Catálogos de tatuagens	84
O processo da tatuagem.....	85
O processo do <i>piercing</i>	86
Piercing genital.....	92
Vitrine de piercings e objetos eróticos.....	93
Cabine de tatuagem e <i>piercing</i>	94
Escarificação	103
Orelhas de gnomo	104
Branding	105
Implante	106
Distensão do órgão genital masculino	107
Língua bífida	108

Capítulo 6.

Práticas extremas	113
Performances em convenções	115

Capítulo 7.

Tatuadora	119
Suspensão (<i>O-kee-paa</i>).....	123

Tipos de suspensão	125
O processo da suspensão	126
Capítulo 8.	
Casal que se apresenta em performances	144
Capítulo 9.	
Imagens de Paco	152
Êxtase de Santa Tereza	156
Capítulo 10.	
Imagens de Fakir Musafar	162
Tatuagens de um dos interlocutores	167

RESUMO

Este trabalho enfoca determinados fenômenos sócio-culturais relacionados à estética das tatuagens, *piercings* e intervenções corporais consideradas radicais, aqui incluídas as escarificações epidérmicas, os implantes subcutâneos, as suspensões corporais, etc. Para realizar a investigação partiu-se de 64 indivíduos de ambos os sexos, faixas etárias e nacionalidades variadas, que se subdividem em grupos de: adeptos, tatuadores, *piercers*, práticos em suspensão e modificadores corporais. No Ocidente, as marcas e os ritos corporais por muito tempo estiveram associados ao exotismo dos povos “primitivos” e, posteriormente serviram de inspiração aos movimentos de vanguarda, dando origem a *body art*, a qual influenciou nos anos 60 os movimentos de “contracultura”, especialmente aqueles relacionados às estéticas *hippies* e *punk*. Com a comunicação em rede e a velocidade de informação tecnológica, as estéticas e ritos relacionados a esses movimentos sociais se internacionalizaram, o uso da *internet* facilitou e abriu canais de comunicação diversos, além disso, motivou a migração das pessoas envolvidas com tais práticas aos grandes centros urbanos, onde se comercializam e se consomem produtos e serviços destinados ao corpo e suas modificações. No caso desta pesquisa, pôde-se observar a mobilidade extraterritorial dos adeptos desse tipo de estética que migravam de Recife a Madri, as duas cidades que constituíram o campo de interesse desta investigação. Os ateliês de tatuagens e *body piercings*, *workshops*, feiras e convenções são os espaços sociais onde se pode contemplar indivíduos que se encontram para modificar e performatizar seus corpos, bem como para ampliarem as suas redes de contacto. Enquanto a tatuagem e o *piercing* estão vinculados a um importante modismo, veiculado na mídia e ligado a um mercado de consumo, as técnicas consideradas radicais encontram-se à margem do cânone de beleza estética e mesmo assim não deixam de reunir novos adeptos. A indagação que norteou a pesquisa foi: como entender a expansão e disseminação desses fenômenos em diferentes grupos e contextos urbanos aparentemente díspares, como é o caso do Recife, de Madri ou de qualquer outro centro urbano? O que explica a escolha por tais práticas? Em que medida as escolhas estéticas também passam a se tornar um estilo de vida, em alguns casos, atividade de sobrevivência ou simultaneamente signos identitários, assim como outras possíveis categorias subjetivas construídas a partir dessa escolha?

ABSTRACT

This study focuses on certain socio-cultural phenomena related to the aesthetic of tattoos, body piercing, and so-called extreme body modifications, which include scarification, subdermal implants, body suspension, and the like. This investigation is based on an analysis of sixty four individuals of both sexes, belonging to different age groups and social classes. These were subdivided into the following groups: followers, tattoo artists, body piercers, suspension artists, and body modifiers. In the West, body markings and rites were, for a long time, associated with the exoticism of “primitive” peoples, and later, served as inspiration for avant-garde movements, giving rise to body art, which in the nineteen seventies influenced the “counter-culture” movements, especially those related to the hippie and punk aesthetics. With communication via the Internet, and the speed of technological information, the aesthetics and rites related to these social movements have become internationalized. The use of the Internet has facilitated and opened a number of communication channels, as well as prompting the migration of people involved in these practices, to the major urban centers, where products and services focusing on the body, and body modifications, are commercialized and consumed. In this survey, extraterritorial mobility was observed in followers of this type of aesthetic, who migrated from Recife to Madrid, the two cities which constitute the areas of focus of this study. Tattoo and body piercing studios, workshops, fairs, and conventions are popular venues for individuals who gather to modify and turn their bodies into performing art, and expand their networks of contacts. While tattoos and body piercing are part of a major trend, which is conveyed by the media and has its own consumer market, the techniques which are considered extreme are outside the widely-accepted canons of beauty, yet, they always manage to attract new followers. The guiding questions of this study are: how can we understand the expansion and dissemination of these phenomena in different groups and apparently dissimilar urban contexts, such as Recife, Madrid, or any other urban center? What accounts for the choice of such practices? To which extent do aesthetical choices become a lifestyle, and in some cases, an occupation or, at the same time, markers of identity, as well as other possible subjective categories based on this choice?

SUMÁRIO

Lista de	
Ilustrações.....	06
Resumo.....	08
Abstract	09
Apresentação	11
Percursos e percalços	12
Pistas e problemas.....	15
Caminhos e bifurcações	17
Abismos e aproximações.....	21
Traçar um plano	23
PARTE 1: “PRIMITIVISMO” RESSIGNIFICADO	24
Capítulo 1. Marcas corporais e exotismo	24
Capítulo 2. Movimentos artísticos, performances e <i>body art</i>	58
Capítulo 3. Híppies e Punks	65
PARTE 2: MARCAS CORPORAIS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	71
Capítulo 4. A internacionalização da tatuagem, do <i>piercing</i> e de outras intervenções corporais.....	71
Capítulo 5. Comércio e consumo	76
Capítulo 6. Redes e novas sociabilidades.....	109
PARTE 3: PARA ALÉM DO LIMITE DO CORPO	116
Capítulo 7. Da tatuagem e do <i>piercing</i> à suspensão	116
Capítulo 8. A espetacularização em carne viva	136
Capítulo 9. “O galo decapitado”: a estória de Paco	145
Capítulo 10. Relações sociais e estilos de vida	157
Pontuações	168
Referências Bibliográficas	174
Anexos	191

APRESENTAÇÃO

Este trabalho, fruto de uma exaustiva pesquisa de campo e resultante de um amplo levantamento bibliográfico, tem como finalidade principal analisar os fenômenos sócio-culturais ligados a determinadas práticas das transformações corporais, orientadas por uma dimensão estética e estilo de vida considerados alternativos. Para tanto, contemplou-se como objeto de investigação grupos de indivíduos que encontram na prática da tatuagem, do *piercing* e nas intervenções corporais consideradas radicais o principal meio de expressão e um importante canal de comunicação. Na última categoria – a das intervenções radicais – foram incluídas a perfuração e a introdução de objetos na boca, nariz, pênis, vagina, orelhas e outras regiões. Além de mutilações e experimentações diversas, as quais, em alguns casos, chegam a pôr em risco a integridade física do próprio indivíduo¹.

O fenômeno vem merecendo a atenção de especialistas em diferentes orientações disciplinares e de sensibilidades intelectuais variadas, notadamente no campo das ciências humanas. Embora haja grande diversidade na forma de visualização e de interpretação do fenômeno, parece existir um ponto de convergência: nas últimas décadas, com o avanço das novas tecnologias, o corpo passou a ser também encarado como algo mutante, passível de transformações experimentais, mudando radicalmente a antiga concepção de objeto imutável e portanto inviolável. Manifestações dessa natureza são facilmente observadas nas sociedades contemporâneas ocidentais, até as mutações de efeitos estéticos as mais diferenciadas sobre o corpo, passando pelas inseminações artificiais. O certo é que o chamado *body building* (construção do corpo) vem exercendo extraordinário fascínio na cultura ocidental, tanto no plano das realizações estéticas hegemônicas, na perspectiva de um padrão de beleza já consagrado, quanto no plano menos reconhecido, que busca exatamente romper com esse cânone.

A cultura do *body building* se fundamenta na concepção de beleza e forma física (Goldemberg, 2002). Nos últimos anos se incorporaram a essa peculiar forma de manifestação cultural a *body art* e a *body modification*, as quais utilizam técnicas que

¹ A palavra “mutilar” é utilizada pelo seu significado semântico que segundo o Dicionário Aurélio indica: “cortar ou destruir qualquer parte de”. Ao longo da tese, o termo aparecerá nos momentos necessários em que houver menção a alguma prática que se relacione com o significado acima expresso.

variam desde a tatuagem e o *piercing*, até as mais extremas realizadas através de bisturis e ganchos, entre outros instrumentos de corte. Alguns dos adeptos transformam completamente a imagem, fazendo disso um estilo de vida

Com efeito, este trabalho se propõe a examinar e compreender usos, significados e sentidos que alguns indivíduos atribuem ao seu próprio corpo, assim como a leitura que fazem dele, oferecendo uma linguagem corporal capaz de permitir leituras igualmente significativas. Além disso, procura analisar tais fenômenos a partir de um contexto internacional, onde se comercializam e se consomem produtos e serviços destinados ao corpo e suas modificações.

PERCURSOS E PERCALÇOS

O corpo e suas representações vêm chamando a atenção da autora já há alguns anos. Durante o Curso de Mestrado em Antropologia, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, foi realizada uma investigação sobre mulheres de classe média alta, que dedicavam grande parte de seu tempo livre aos cuidados corporais em academias de ginástica, *spas* e clínicas de rejuvenecimento. Um dos dados mais significativos que a pesquisa revelou foi a preocupação com a aparência física dessas mulheres, na faixa etária dos 30 aos 50 anos, seja em relação à manutenção da jovialidade e prevenção do envelhecimento corporal, seja no que concerne às intervenções para fins estéticos: cirurgia plástica, lipoaspiração, uso de botox, *lifting* e dietas. A prática tornou-se muito freqüente em segmentos médios e altos da sociedade brasileira.

Embora a pesquisa tenha sido realizada com um universo feminino, não se pode deixar de salientar que a preocupação estética corporal vem crescendo também entre o público masculino, que já representa 30 % da clientela da beleza no Brasil, conforme demonstram dados recentes². Vale a pena ressaltar que durante a coleta de informações para a Dissertação dantes aludida, foi possível constatar a existência de um mercado de consumo que incluía desde produtos estéticos, os chamados cosméticos, até diferentes tipos de tratamentos dirigidos às intervenções corporais, tudo segundo Dutra (2002); Edmonds (2002); Malysse (2002); Sabino (2000). Como demonstram as estatísticas brasileiras, verdadeiras fortunas são investidas atualmente nesse tipo de mercado, cuja expansão está visível e é considerável. A indústria de cosméticos, de perfumaria e de higiene pessoal cresceu em 20% nos últimos dez anos. De acordo com os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, o brasileiro se tornou o povo que mais tem

² Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030511/sup_rvd_110503_86.htm>
Acesso em: 25 abr. 2007.

feito plásticas no mundo. Em 2004 foram realizadas 616.278 mil cirurgias, das quais 359.698 mil (59%) foram por estética³.

Entretanto, com o desdobramento das pesquisas, pôde-se também observar que concomitante com esse mercado, voltado para o consumo de padrões estéticos hegemônicos, havia também indivíduos que por razões diversas buscavam um caminho “alternativo”, quanto ao gosto e escolha de suas preferências estéticas. São pessoas com estilos de vida que se orientam, entre outras opções, por adirem a certas práticas corporais, como as tatuagens, os *piercings*, incisões na pele, implantes no corpo, abertura na língua, distensão do pênis, além de outras intervenções.

Durante a 1ª convenção internacional de tatuagem e *body piercing* de Recife, realizada em 2003, houve oportunidade da autora se iniciar nesse universo, chamando a atenção em especial a diversidade entre gerações e estilos estéticos que se misturavam naquele cenário; cenário que parecia ser indicativo de uma mudança significativa no campo da harmonia das representações corporais. A partir desse primeiro contato, buscou-se pouco a pouco uma inserção nos estúdios de tatuagem e *body piercing*, estabelecendo vínculos com técnicos e eventuais usuários.

Alguns circuitos urbanos na cidade do Recife, no Nordeste do Brasil, permitiram uma maior intimidade com algumas pessoas, posteriormente complementada com as observações nos Bairros da Boa Vista e de Boa Viagem, onde há uma maior concentração de estúdios especializados nessas técnicas. Em Boa Viagem, foi possível freqüentar o “*body art*” (estúdio de modificação corporal), o qual além de ser um local especializado nas tradicionais técnicas da tatuagem e do *piercing*, também se volta às inovações da “*body modificacion*”, ou seja, ali são realizadas intervenções consideradas por alguns de seus freqüentadores como “radicais”, haja vista não se tratar apenas de fazer um desenho no braço ou um “furinho no nariz”, mas de práticas ou experiências que demandam intervenções extremas, como por exemplo, as escarificações⁴.

A partir do momento em que se começa a trabalhar nos estúdios, os “profissionais⁵” passam a se conhecer, formando uma rede de contatos, tanto entre os

³ Ver: Anexo I.

⁴ Segundo Featherstone (2000), O termo *body modificacion* se refere a uma longa lista de práticas que inclui *piercing*, tatuagem, *branding*, *cutting*, *binding*, implantes para alterar a aparência corporal. A lista pode se estender e incluir também o chamado *body building*, a estética anoréxica, nas quais a superfície do corpo não é diretamente alterada com instrumentos de corte, pois neste caso é modificado por meio de exercícios e dietas.

⁵ A palavra “profissionais” está entre aspas pelo fato de não haver uma legitimação e reconhecimento da técnica de tatuar e de colocar *piercings* enquanto profissão. Diante disso, sempre que houver referência às

tatuadores quanto entre os *piercers*. Através deles, foi possível perceber que em se comparando a outros circuitos internacionais na Europa e nos Estados Unidos, o pequeno universo local restava ainda incipiente, conforme alertavam, com frequência, os interlocutores no Recife. Com o fenômeno da comunicação em rede, muitos dos tatuadores e *piercers* recifenses mantinham contatos com outros técnicos e adeptos, via *Internet*, em diferentes países, o que reforça a internacionalização de tais práticas. Além disso, tanto técnicos como clientes exprimiam o desejo de se estabelecerem em algum centro urbano importante no que se refere a essas manifestações.

Madri despontou em função das inúmeras alusões como uma referência, não somente entre os praticantes do Recife como também de São Paulo. Despontou, de igual forma, na pesquisadora o interesse em observar de perto um ambiente similar ou um país considerado pelos grupos contactados como diferenciado. Através da *Internet* houve a possibilidade de se comunicar com alguns técnicos radicados em Madri. Assim sendo, e contando com uma bolsa de investigação da Alban e posteriormente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi possível ir a Espanha para efetuar a pesquisa. Chegando em Madri restabeleceram-se alguns desses contatos e, através dos mesmos, formou-se uma rede via *Internet*. Era freqüente a menção à Calle Montera como uma rua onde se poderia encontrar um grande número de estúdios de tatuagens. Realmente, nesta rua central de Madri, há uma significativa concentração de estabelecimentos especializados em tatuagem e *body piercing*, mas, misturados no mesmo cenário, estão bingos, *sex shops* e lugares de prostituição. A rua, que já fora um espaço cultural muito bem freqüentado por artistas, escritores e humanistas em geral, é atualmente ponto de prostituição e dos chamados “drogaditos”. Iniciados os contatos nesses estúdios, alguns informantes recomendaram também aqueles localizados nas imediações do metrô “*Embajadores*”, pois apesar de serem locais voltados à modificação corporal, existiam diferenças importantes nos tipos de estabelecimentos especializados.

À medida que avançava a pesquisa na capital espanhola, a pesquisadora se deu conta do quanto era significativo incluir na amostra tanto o grupo do Recife quanto o de Madri, devido ao grau de afinidades que parecia existir entre ambos. Diante do fato, estabeleceu-se um diálogo entre as duas cidades, através de um universo composto por técnicos e adeptos de modificações corporais.

peessoas que trabalham com estas práticas, utilizar-se-ão os seguintes termos: “profissionais” ou técnicos, já que este último também se adequa por indicar, “indivíduo que aplica determinada técnica”.

PISTAS E PROBLEMAS

O desejo de alterar a própria aparência física é um elemento intrínseco à natureza humana, presente em diferentes sociedades e culturas, desde a mais remota antigüidade. Mas, apesar da universalidade do ato, as marcas e os ritos corporais sempre estiveram associados ao exotismo dos povos “primitivos”, conforme assinalaram Michel Leiris e Jacqueline Delange (1967). Apesar da atração do europeu por esses hábitos e costumes, pode-se constatar o quanto foram condenados por missionários, que os classificaram como profanador do corpo, gerando uma dissolvência ou desaparecimento dos mesmos em muitas populações que os cultivavam. No início do século XIX, sob forte influência das teorias de Lombroso e de seus seguidores, passou a haver uma relação direta do hábito das marcas corporais com os costumes “primitivos”, gerando uma estigmatização social em relação ao portador do signo corporal, que era qualificado como “delinqüente”. Posteriormente, a Psicologia do início do século XX associaria o signo corporal a um tipo de desordem de personalidade, teoria posteriormente desacreditada.

Mas, ao mesmo tempo em que se construía um estigma relacionado à marca na epiderme, em alguns contextos artísticos pessoas se reapropriavam de estéticas e ritos das culturas “primitivas” e os utilizava em performances, cuja idéia principal era a de usar o corpo como elemento intrínseco à obra de arte, dando origem à *body art*. Além disso, a partir da segunda metade do século XX, observou-se um significativo interesse por parte de grupos sociais urbanos em relação a alguns padrões estéticos oriundos de culturas tradicionais, os quais foram elaborados a partir de outras perspectivas. Resta salientar que tais padrões estéticos conheceram uma notável recepção, sobretudo nos anos 60 e nas décadas seguintes, entre os partidários dos movimentos de “contracultura”. Nesse contexto, o exotismo despertou uma forte sedução, sendo expresso através de formas estéticas variadas, muitas vezes reinterpretando rituais oriundos de diferentes origens não ocidentais.

No campo das representações corporais, destacam-se em particular as chamadas modificações do corpo, influenciadas pelo movimento denominado de “*moderns primitivism*”. Tal perspectiva foi orientada por um ideal estético não ocidentalizado, que buscou integrar práticas e rituais de sociedades tradicionais, consideradas exóticas, em contextos urbanos, conforme já se referiu Christian Klesse (2000). Entre essas formas de expressões estético-corporais destacam-se, inicialmente, os chamados *tattoos* e *piercings*. Por volta da década de 60 surgem também os primeiros rituais de suspensão,

sobretudo nos Estados Unidos. É importante salientar que tais inclinações esteticizantes aplicadas ao corpo emergiram em décadas posteriores, apenas em alguns contextos urbanos, sobretudo em Londres, Nova Iorque e São Francisco. Com o chamado processo de mundialização da economia e de internacionalização da cultura, paralelamente ao advento da informática, começaram a surgir os primeiros *sites* na *Internet* que divulgavam informações diversas sobre o campo de transformação corporal, chegando com força em diferentes centros urbanos, como foi o caso do Brasil e da Espanha. É importante ressaltar que a tatuagem e o *piercing* já tinham sido incorporados ao mercado alguns anos antes, inclusive nos dois países aqui referidos. Já as modificações mais extremas, somente a partir do final da década de 90 é que começaram a reunir adeptos no Recife e em Madri.

As intervenções corporais, quando vivenciadas pelos grupos aqui pesquisados adquirem dimensões ideológicas diferentes daquelas dos *hippies* dos anos 60. É importante também assinalar que a tatuagem, o *piercing* e outras práticas mais radicais, além do enfoque estético e subjetivo, estão também vinculados a um certo modismo atual, veiculado através da mídia, de imagens na rede, revistas, catálogos, etc. Tudo isso permite gerar um mercado de produtos especializados e de técnicos que realizam e divulgam seus trabalhos por meio de pequenas empresas. Vários autores têm chamado a atenção, em especial, para o fato de que o corpo tornou-se um objeto maleável, sempre possível de remanejamento, passível de intervenções artificiais (LE BRETON, 1998; 2004). Enquanto que nas sociedades tradicionais era visto como parte da natureza e suas modificações estavam relacionadas ao campo dos rituais, nas sociedades complexas alguns indivíduos se tornaram responsáveis pelo *design* de seus próprios corpos, recriando outras formas ritualísticas, orientadas por padrões estéticos que procuram reinterpretar tanto manifestações já consagradas pelas culturas tradicionais, aquelas consideradas “exóticas”, quanto pela criação de novas e experimentais linguagens estéticas contemporâneas, calcadas na espetacularização e visibilidade midiática.

O uso e a apropriação do corpo assumem na cultura contemporânea um certo modismo, vulnerável aos bens e serviços de consumo. Partindo dessa perspectiva, Bryan Turner (1996) considera o fenômeno da tatuagem no contexto atual muito mais relacionado à exploração comercial e à cultura do consumo, do que propriamente como um rito de passagem, como ocorria nas sociedades ditas tradicionais. Segundo o autor as pessoas são capazes de misturar signos *maoris* com símbolos japoneses, criando uma

hibridização de motivos. Isso também estaria relacionado a um fenômeno de secularização da sociedade, sendo este tipo de consumo um indicativo do enfraquecimento de certas instituições sociais no mundo contemporâneo. Nessa perspectiva, a tatuagem tem uma conotação individual, não sendo mais um indicativo de gênero ou de rito de passagem.

Para Paul Sweetman (2000) a tatuagem e o *piercing* são formas de expressão do *self* e da narrativa pessoal. Esse autor chama a atenção para o fato de que nos últimos 30 anos houve um considerável aumento de pessoas que aderiram a esses signos estéticos, de forma que tais práticas não podem ser mais consideradas como voltadas para homens e jovens. Assim, as *tattoos* modernas contrastam por serem opcionais, decorativas e essencialmente narcísicas, fazendo parte intrínseca de uma biografia pessoal, não uma marca da memória social de um determinado grupo. Ao mesmo tempo, a cultura da *body modification* se incorporou ao mercado de consumo, inclusive associado a modelos de passarela, personagens de televisão e de cinema.

Entretanto o que dizer dos adeptos das transformações corporais consideradas radicais? Quando se sabe que esse tipo de comunicação ou linguagem corporal não é lida, tampouco receptiva à maioria dos indivíduos, exceto por aqueles que aderem aos rituais ou aos estilos de vida alternativos? Por outro lado, como entender a expansão e disseminação desses fenômenos em diferentes grupos e contextos urbanos, aparentemente díspares, como é o caso do Recife, de Madri ou qualquer outro centro urbano? O que explica a escolha por tais hábitos? Em que medida as escolhas também passam a se tornar um estilo de vida, em alguns casos atividades de sobrevivência ou simultânea a ela, signos identitários, assim como outras possíveis categorias subjetivas construídas a partir dessa escolha?

CAMINHOS E BIFURCAÇÕES

Como em toda pesquisa, exige-se da pesquisadora delimitar as nuances do seu campo de investigação, para torná-la visível e facilitar a compreensão da análise. Assim, faz-se necessário cercar o objeto em função de seus interesses e problemas suscitados durante o percurso de sua inserção no campo. Dessa forma, foram contemplados cinco grupos principais, localizados em diferentes contextos urbanos de Recife e Madri, compostos por categorias que se resolveu diferenciar considerando-se os interesses comuns ou antagônicos, o que não implica que em alguns casos essa diversificação se torne fluida, como se verá adiante. Durante a pesquisa foi possível estabelecer algumas diferenças importantes entre os indivíduos que compuseram o referido grupo. Para

tanto, foram consideradas cinco categorias: tatuadores; *piercers*; práticos em suspensão; modificadores do corpo; usuários⁶.

Tatuadores:

Definem-se como técnicos ou especialistas em pigmentação da pele, enfatizando geralmente o labor artístico, criativo e artesanal com que tratam suas realizações.

Piercers:

São técnicos cuja principal atividade é perfurar a pele e introduzir objetos decorativos geralmente guiados por experimentos estéticos.

Práticos da suspensão:

São aquelas pessoas que realizam suspensões corporais, isto é, práticas através das quais o corpo do indivíduo é sustentado pelo revestimento cutâneo - a pele - através de ganchos de ferro. A prática pode ser apreciada apenas por um grupo de iniciados ou vistos, de forma teatralizada, por uma platéia.

Modificadores do corpo:

Dentro dessa categoria estão incluídos aqueles que realizam e experimentam práticas de modificações corporais consideradas radicais, tais como: escarificação cutânea, implantes subcutâneos, mutilações parciais em diversas partes do corpo, entre outras, seja por intervenções estéticas, seja com o intuito de alterar partes da anatomia humana, bem como proporcionar sensações através do confronto com a dor.

Usuários ou adeptos:

É a categoria mais complexa de se definir, pois os usos que fazem das intervenções corporais variam, podendo ir desde uma simples marca, como linguagem identitária, até a adoção de um estilo de vida e de estética corporal alternativas, dependendo da atividade que ocupa, do gênero, da posição social, dos interesses, dos valores no contexto social de origem e da faixa etária. No caso desta pesquisa, a modificação corporal está vinculada sobretudo aos jovens (20 a 29 anos), mas também reúne adeptos de outras faixas etárias.

A representação aqui adotada como amostra contou com um conjunto de 64 pessoas, as quais se diferenciam enquanto grupos diversos pela nacionalidade, gênero, faixa etária e pelos usos que fazem da tatuagem e/ou *piercing* ou ainda de intervenções outras. É importante salientar que os tatuadores se sentem bastante reconhecidos e

⁶ Pelo fato de não haver uma nomenclatura específica para a terceira e a quarta categorias (prático em suspensão e modificador corporal), seja do ponto de vista da clientela ou deles mesmos, resolveu-se denominá-los por meio das atividades práticas que estes executam.

diferenciados em relação aos demais técnicos, reportando-se à tatuagem como um tipo de arte ou estética milenar, inscrita na pele em variadas culturas e atualmente difundida em quase todas as sociedades, ocidentais e não-ocidentais. Os *piercers*, em grande maioria, também são adeptos das tatuagens, no entanto procuram valorizar a estética do *piercing*, que vem se legitimando cada vez mais no universo das modificações corporais tanto como um signo de beleza e de sedução, seja por estética ou como instrumento de erotização. Os práticos em suspensão fazem uso de um ritual milenar com finalidades diversas, dentre as quais se destacam: a curiosidade, assim como o controle do corpo e da mente. Muitas vezes a prática é realizada com a finalidade de reconhecimento e *status* no grupo, podendo ser também teatralizada e comercializada. Os modificadores corporais, embora se reconhecendo como minoria, enfatizam que a transformação do corpo não pode mais se reduzir ao simples adorno ou acessório, pois vem demandando processos mais elaborados, como por exemplo, a escarificação, os implantes e outras técnicas de efeitos esteticizantes.

No caso do tatuador e do *piercer*, suas práticas são regulamentadas pelos órgãos de controle sanitário, mas do ponto de vista da regulamentação profissional não são ainda reconhecidos como profissionais⁷. Já o modificador corporal e o prático da suspensão atuam clandestinamente, pois suas atividades são realizadas às escondidas e consideradas pelos órgãos de saúde pública como ilegais, já que podem pôr em risco a integridade física do organismo.

Em respeito à identidade dos atores sociais, a identificação dos mesmos ao longo do trabalho se dará pelo apelido que utilizam e nos casos em que não façam uso deste será empregada a inicial do nome próprio em maiúscula. Também serão utilizadas imagens fotográficas previamente autorizadas, as quais servirão para ilustrar o trabalho.

Apesar de se tratarem de categorias distintas, há pontos de semelhança:

1. O uso deliberado de um estilo de vida compartilhado por um ideal estético urbano e cosmopolita considerado como alternativo;
2. A mobilidade territorial;
3. O uso da *Internet* entre os atores sociais como um dos instrumentos mais importantes para divulgar o estilo de vida e o ideal estético;
4. A sociabilidade intergrupala;

⁷ Ver: Anexo IV (p. 197-204).

5. A utilização da prática como meio de sobrevivência ligada à estética corporal⁸.

Os interiores dos estúdios de tatuagem e *body piercing* foram os locais que permitiram um contato mais aprofundado com esse universo, pois lá era possível ter acesso aos informantes; lugares nos quais se penetrava em seus cotidianos. Nesses estúdios foi mais fácil estabelecer vínculos que permitiam chegar a outros adeptos. A regularidade e a intensidade dessas visitas possibilitou, tanto no Recife quanto em Madri, a inserção nas redes de relação dos técnicos e de alguns adeptos de tais costumes, o que facilitou circular num meio fechado, sobretudo quando se trata de um campo de intervenções radicais. À medida que a pesquisa avançava, percebia-se cada vez mais pontos em comum entre os interlocutores que viviam em Madri e aqueles com os quais se conviveu no Recife, conforme será analisado neste trabalho. Entretanto, não é a perspectiva comparativa que interessava como hipótese deste trabalho, mas sim o entendimento de atividades corporais que pareciam não possuir limites territoriais, dado o fenômeno de consumo e de estilos de vida que se tornavam, de certo modo, globalizados, embora conservando, evidentemente, algumas peculiaridades locais.

Para atingir os objetivos da problemática de pesquisa privilegiaram-se as seguintes estratégias:

1. Pesquisar *sites* de *Internet* e material publicitário coletado em revistas e jornais nacionais e internacionais;
2. Comparar e analisar o conteúdo desses textos e imagens com as práticas e valores então adotados nos grupos pesquisados;
3. Comparação das imagens fotográficas (tatuagens, *piercings*, escarificações, suspensões e implantes) realizadas durante o trabalho de campo, com fotografias veiculadas na *Internet* por grupos distintos, fotos de catálogos internacionais, etc.;
4. Pesquisa semiparticipante, entrevistas semidirigidas com técnicos e clientes;
5. Observação semiparticipante em convenções, oficinas, *workshops* voltados para o público pesquisado;
6. Observação em rituais de suspensão corporal;
7. Observação em bares noturnos e concertos;

⁸ Aqui evidenciando os técnicos.

8. Entrevistas em *chats-messengers*.

As entrevistas semi-estruturadas (Roteiro no Anexo II) gravadas assim como conversas mais informais, tanto pessoalmente quanto por *Internet*, foram estruturadas a partir de alguns eixos temáticos dos quais destacam-se os seguintes:

- a) Técnico: focar as técnicas corporais (tatuagem, *piercing*, escarificação, suspensão, implante, etc.); privilegiar a relação entre dor e prazer; observar os desafios do limite do corpo, identificar o grau de experimentalismo estético;
- b) Plano individual: registro de histórias de vida ou narrativas biográficas, identificar o momento de adesão às modificações corporais; registrar os diferentes estilos de vida;
- c) Esfera social: analisar o mercado de trabalho; o nível consumo; o papel da mídia para a divulgação desse mercado.

As entrevistas foram realizadas à medida que havia possibilidade. Quando o movimento no estúdio de tatuagem era muito intenso, tinha-se que interromper as conversas, as quais muitas vezes terminavam aí ou eram continuadas na sala do tatuador ou do *piercer*, espaços onde se podia ter maior acesso à intimidade do técnico. Outro aspecto importante a salientar é a mobilidade do campo, pois em geral a maior parte das pessoas envolvidas mudam frequentemente o local de trabalho, em função de vários motivos e entre estes, os deslocamentos intraterritoriais e até internacionais. Muitos dos técnicos inicialmente contactados transferiram-se para outros centros, ocasionando tantas vezes a perda do contato, sendo isso uma característica de seus estilos de vida. Já em relação àqueles que possuíam estúdios mais equipados e se dedicavam ao comércio de produtos relacionados à tatuagem e ao *piercing*, divulgando seus trabalhos e equipamentos através de revistas e catálogos especializados, foi possível manter uma maior regularidade de contato. Nesses espaços entrevistavam-se não só proprietários, como também os técnicos e, quando era possível, os adeptos. De igual forma, foram ouvidos depoimentos de profissionais da área de saúde a respeito de suas opiniões em relação às intervenções estéticas mais radicais sobre o corpo.

ABISMOS E APROXIMAÇÕES

Em vista da opção dos interlocutores, era comum que em certos casos manifestassem condutas consideradas “transgressivas” o que, em muitas ocasiões, levou à reflexão a propósito dos limites da própria investigação. Vários foram os momentos de tensão. Sem dúvida o campo era bastante difícil de pesquisar, dado à natureza do objeto. Entretanto, esse foi um dos motivos de se levar adiante a investigação. Um dos

maiores desafios da pesquisadora foi romper as barreiras iniciais, a começar pelo seu visual, que em nada correspondia à expectativa dos grupos pesquisados: nem tatuagens, nem *piercings*. A estética, no caso, funcionaria como uma maneira de identificação e estabelecimento de laços de confiança. Como romper com o silêncio e estabelecer uma empatia com o grupo, já que sua estética não ajudava a criar a então cumplicidade desejada? Como se daria a iniciação no campo?

Chegou-se, inclusive, à reflexão, em diversos momentos da pesquisa, a propósito de um possível pedido a um dos técnicos que lhe fizesse uma pequena tatuagem: “talvez uma rosa vermelha?” ou “talvez uma fada”. O fato é que a idéia não logrou êxito, pois logo desvanecia, sob a evidência de que a imagem era mais forte, perduraria pela vida inteira... E por que não um *piercing*? Adorno reversível, tão banal entre homens e mulheres, que já se tornou mais um acessório comum entre tantos. Mas nenhuma dessas opções vingou. A aproximação veio por outros meios. Foi possível, na medida em que a pesquisadora apresentava seus objetivos, negociando passo a passo, democraticamente, e de forma ética, com os seus interlocutores. Custou a penetrar nas reuniões mais secretas, tanto no Recife quanto em Madri. Com o tempo e a confiança necessária, foi iniciada no universo das experiências mais intensas, como nos rituais de suspensões corporais e em algumas intervenções de modificação, como a escarificação. Durante a investigação, muitas vezes, enfrentou discriminação por parte de adeptos e técnicos, que lhe tachavam de “careta”, “tradicional”, pois além de sua estética considerada como “conservadora”, não fazia uso de drogas, comum para a maioria de seus interlocutores. Essas diferenças, em certos momentos, dificultavam a comunicação, na medida em que os atores sociais se tornavam dispersos, tantas vezes, interrompendo a conversa. Entretanto, outras formas de expressão passavam igualmente a ser significativas, pois alguns deles exercitavam o poder de sedução por meio da exibição do corpo, deixando à mostra tatuagens e outras intervenções corporais. Nessas ocasiões pareciam setir-se mais livre para exprimir sensações por meio de suas marcas, relacionando-as aos prazeres que essas lhes provocavam, como por exemplo, a instensificação do orgasmo com o uso do *piercing* e de implantes em diferentes áreas erógenas corpo.

A grande mobilidade do grupo constituiu outra barreira a ser transposta. O estabelecimento de uma regularidade com o mesmo universo de informantes só foi possível através de estratégias variadas. Tanto no Recife quanto em Madri os contatos foram iniciados nos estúdios e, posteriormente, com o freqüente deslocamento dos técnicos e adeptos foi necessário recuperar a comunicação através da *Internet* ou,

paralelamente, nos momentos em que a pesquisadora se deslocava a outras cidades para contactar com algumas pessoas. Além disso, o próprio campo se apresentou, em diferentes momentos, como um risco, dado à natureza ambígua, situando-se, portanto, numa zona porosa entre a legalidade e a ilegalidade, entre o lícito e o ilícito.

TRAÇAR UM PLANO

A pesquisa encontra-se dividida em três partes, com os respectivos capítulos. Na primeira busca-se identificar, analisar e interpretar, a partir de uma perspectiva diacrônica, as principais tendências estéticas que influenciaram na cultura ocidental a divulgação de matrizes exóticas, as quais deram visibilidade estética a determinadas vanguardas dos anos 20, como o Dadaísmo ou o Fluxus e, posteriormente, a movimentos sociais da década de 60, como o *modern primitivism*, além da *body art* e dos movimentos ligados à “contracultura” (*hippies* e *punks*). Dentro do contexto contemporâneo ressaltam-se os usos das técnicas nas intervenções corporais, destacando algumas performances, bem como autores que fazem uma crítica às concepções clássicas da antropologia, propondo novas formas de análise do corpo na contemporaneidade.

Na segunda parte, intitulada de “Marcas corporais em tempo de globalização”, analisa-se o processo de internacionalização de uma estética relacionada com as técnicas de modificação corporal. Também é avaliado o fenômeno de consumo e recepção dessas práticas através dos grupos referidos. Além disso, procura-se entender diferentes dinâmicas de sociabilidade e formações de rede virtuais, nas quais se discutem e são veiculados produtos voltados para a divulgação dos procedimentos.

Finalmente, a terceira parte é dedicada à análise das transformações no corpo, sendo enfatizado os rituais de suspensão e seu caráter de teatralização ou performance. Para entender tais dinâmicas, toma-se como modelo ideal a narrativa e experiência de um dos adeptos ou técnicos dessas atividades práticas que, como outros, se iniciaram na suspensão e, posteriormente, buscaram intervenções mais radicais no corpo. Nesse sentido, também serão explorados os sentidos e significados que alguns dos pesquisados atribuem ao próprio corpo, o processo de transformação e suas implicações, tanto no âmbito subjetivo quanto na esfera das relações sociais dos indivíduos envolvidos.

PARTE 1: “PRIMITIVISMO” RESSIGNIFICADO

Capítulo 1. Marcas corporais e exotismo

Durante muito tempo, sobretudo na Idade Média, o imaginário popular na Europa esteve tomado pela crença em monstros, seres grotescos e bizarros, os quais não seriam da ordem do humano, mas fugiriam ao controle da criatura, por serem híbridos marcados pela fluidez e por faltas de definições físicas. Esta presença já se dava na Bíblia servindo posteriormente de inspiração à literatura, à pintura e a arte, que priorizavam valores de espontaneidade, fantasia individual, cores, movimento e expressão de sentimentos. A respeito do monstruoso também foram escritos tratados, posteriormente recuperados pela filosofia natural, pela medicina e pela cirurgia. Inicialmente os tratadistas se perguntavam acerca da existência de nações monstruosas e uma preocupação comum a essas doutrinas estava na natureza desses seres, ou seja, se pertenciam à ordem do humano, como já foi aludido, à natureza animal ou se ao diabólico, mas independentemente de suas causas, tal categoria se ampliou a qualquer ser ou comportamento que excedesse os limites do comum, ou seja, ao feio, desproporcional ou deformado. Uma das explicações a esse respeito se respaldava, sobretudo, na necessidade da natureza de contrastar suas manifestações: se havia monstros individuais era para ressaltar a beleza do resto dos seres.

Sendo a teratologia a ciência que estudava as más formações físicas em seres vivos, homens ou animais, suas raízes remontavam aos tempos em que cada monstro era portador de um significado particular. Com relação às causas imediatas do nascimento dos monstros, havia duas teorias: a diabólica e a naturalista. No primeiro caso, o nascimento era advindo do fato da mãe ter tido relações carnis com o diabo, sendo o nascimento de um monstro um signo de bruxaria da mãe, cujo destino era tortura e a queima na fogueira. No caso da justificativa naturalista, se diferenciavam as causas tendo em vista o tipo de monstruosidade. Os monstros humanos, desde Aristóteles se diferenciavam em “monstros por excesso” (gêmeos siameses ou gigantes) e “monstros por defeito” (anões; pessoas de uma perna só; um olho). A razão destas anomalias estava indicada em uma quantidade respectivamente excessiva ou escassa de espermatozóide no momento da inseminação. Quando o monstro apresentava alguma característica similar a de alguma espécie animal, também se podiam atribuir a outras

causas naturais, como nas práticas de bestialismo, ou seja, relações sexuais com animais (Del Rio Parra, 2003). Com as descobertas de outros continentes, os viajantes alimentavam uma grande curiosidade ao descreverem os lugares, incluindo a geografia, a fauna, a flora, bem como os habitantes. Os monstros muitas vezes se baseavam em descrições exageradas de seres humanos e de animais reais ou imaginários, como se pode comprovar na frase abaixo do bestiário medieval *Liber Monstrorum*, a qual evidencia a relação entre esta criatura e a terra distante ou desconhecida: “Me interrogas sobre as terras incógnitas do mundo e sobre a credibilidade que deve se outorgar ao grande número de monstros que vivem em regiões desconhecidas da terra, nos desertos e nas ilhas do oceano e nos esconderijos dos montes mas distantes” (Tradução nossa)⁹.

Distância e monstruosidade sublinhavam um salto que pressupunha uma barreira entre os europeus e os demais; à medida que os confins do conhecido se ampliavam, a perspectiva do monstruoso não desaparecia, antes se deslocava para um lugar mais além. A monstruosidade se utilizava para definir o além da barreira geográfica, um salto qualitativo entre os monstros e o homem. Quando se descrevia os povos distantes, costumava-se falar em espécies estranhas: sem narizes, com membros no lugar das pernas, com rabo, entre outras características que muitas vezes eram utilizadas com o objetivo de discriminá-los. Uma das lendas européias contava a estória dos *amyctyrae* ou “sem nariz”, povos monstruosos cuja principal característica era a presença de um dos lábios (inferior ou superior) bastante desenvolvido (Izzi, 1996). Segundo a lenda, tratava-se de uma população muito primitiva, a qual se alimentava somente de comidas cruas. Vale salientar que a deformação no lábio é praticada em algumas tribos africanas e brasileiras, podendo está relacionada a este conto europeu. Outro conto interessante era o das as Amazonas: do grego *a mazon* (sem mama), assim definida: “No Amazonas, formigas de grandes mandíbulas. Também tribo de mulheres guerreiras a que o mito atribui a extirpação de um seio para disparar melhor as flechas do arco. Sem dúvida, as representações clássicas das amazonas são de mulheres de peito intacto. Além da mutilação, a superstição fez estragos ao insistir que as amazonas usavam homens para procriar e depois os matavam” (Tradução nossa)¹⁰.

Por meio de uma estética corporal o monstro atestava para uma diferenciação cujas tentativas de explicação científica da condição humana por meio dos traços

⁹ LIBER MONSTRORUM *apud* Izzi, M. **Diccionario ilustrado de los monstruos**: ángeles, diablos, ogros, dragones y otras criaturas del imaginario, Palma de Mallorca: José J. de Olañeta, 1996, p. 396.

¹⁰ *Idem*, 1996, p. 29.

corporais serviam para confirmar a superioridade de um se contrapondo à inferioridade do outro. Tais criaturas se confundiam com os “povos primitivos” ou selvagens e, dentre os seus costumes se destacavam os diferentes usos do corpo, os rituais, os adornos e as marcas lavradas na pele, sobretudo as pinturas, tatuagens e escarificações que eram consideradas como maneiras da expressão do exótico e, por contradizer as normas clássicas da civilização ocidental que se pautava na uniformidade da geometria corporal, se tornaram signos de transgressão natural. São vários os vestígios encontrados de povos que adornavam e modificavam seus corpos com pinturas, tatuagens e até trepanações carneais. As origens dessas práticas são um mistério e, segundo especialistas teria sido no Egito antigo. O tatuado mais antigo de que se tem registro é um caçador do período neolítico e data de 5200 anos a.C., batizado de Ötzi, foi encontrado em 1991 congelado entre a Itália e a Austrália com desenhos espalhados pelo corpo (ARAUJO, 2005). Também há dados de múmias encontradas com tatuagens no corpo, assim como povos que furavam o nariz com troncos de madeiras há cerca de 4.500 anos (LAUTMAN, 1994).

Segundo Pancorbo (2006), Heródoto já falava das marcas corporais entre os Tracios (Balkanes) como símbolo de distinção, de hierarquia social e Marco Polo descreveu traçados na pele que faziam os habitantes de Laos e Birmânia como sinal de elegância. Em escavações arqueológicas também foram encontrados crânios que datam de 12 mil anos atrás com marcas de trepanações. Essas práticas tinham propósito mágico-curativo, eram executadas em antigas culturas do Peru, assim como em povos africanos, como os marroquinos. Vázquez Hoys (2003) demonstra que a tatuagem também parece ter sido bastante significativa na China antiga, onde também foram encontradas grafias de homens tatuados interpretados como invocação e identificação com potências celestiais¹¹. Realizada há mais de 1000 anos, a deformação dos pés é uma prática exclusivamente feminina. Segundo informações do *American Museum of Natural History*, seu significado está relacionado à disciplina de um corpo que está preparado para união¹². (cf. p.27). Apesar das mulheres chinesas atualmente não vendarem mais os pés, continuam recordando tal prática que ainda é executada por suas avós (GENTIL GARCIA, 2003).

¹¹ CARUCHET, wiliam. **Le tatouage ou le corps sans honte**. Paris: Seguiet, 1995

¹²Disponível em:

<http://translate.google.com/translate?hl=es&sl=en&u=http://www.amnh.org/exhibitions/bodyart/&sa=X&oi=translate&resnum=8&ct=result&prev=/search%3Fq%3Dbody%2Bart%26hl%3Des>. Acesso em: 21. abr. 2007.

Sapatos utilizados nas mulheres chinesas para deformar os pés
(acervo: www.bmezzine.com)



fig. 1 sapato usado para deformar os pés



fig. 2 sapato usado para deformar os pés



fig. 3 pés deformados

Em vista da atração do europeu pelo exotismo, há narrativas de que muitos viajantes, marinheiros e até nobres deixaram-se tatuar após conhecimento de culturas em que tal prática era comum. Relatos apontam que Catarina “A Grande” o fez em suas partes íntimas; na França, Marat se tatuou e o Duque de Chartres também; o rei da Suécia teria uma tatuagem em seu braço e quando precisou receber uma sangria pelo seu estado de saúde, pediu ao médico que guardasse segredo, pois possuía a seguinte frase: “mort aux rois” (RAMOS, 2001).

Muitas vezes, os viajantes retornavam com seus corpos tatuados. No diário do capitão Cook em 1769 está escrito: “homens e mulheres pintam o corpo, na sua língua, diz-se “tatuou”, isso se faz injetando cor negra sob a pele de tal maneira que a marca fique indelével. Mr. Stainsby, eu próprio e alguns outros submetemo-nos a operação e tivemos os nossos próprios braços marcados: a marca deixada na pele não pode ser apagada, é dum belo azul violeta, bastante semelhante à marca deixada pela pólvora”¹³.

A tatuagem se incorporou ao ocidente, sobretudo através dos marinheiros, cuja pele desenhada e pintada se tornou um signo associado ao ofício. A marca estampada na epiderme seria muito comum nestes grupos por várias razões: como forma de identificação do corpo caso morressem durante as viagens; símbolos ligados à religião como uma forma de garantir um lugar sagrado ou registro de memória das inúmeras estórias vividas, sendo muito comum neste caso tatuarem a foto da mulher amada da qual sentiam saudade, como bem ilustra a letra da copla¹⁴ “tatuaje” cantada por Concha Piquer em 1942:

TATUAJE

Él vino en un barco, de nombre extranjero.

Lo encontré en el puerto un anochecer,

Cuando el blanco faro, sobre los veleros

Su beso de plata, dejaba caer.

Era hermoso y rubio como la cerveza, el pecho tatuado con un corazón,

Y en su voz amarga, había la tristeza, doliente y cansada,

Del acordeón...

Y ante dos copas de aguardiente, sobre un manchado mostrador,

Él fue contándome entre dientes, la vieja historia de su amor:

¹³ COOK *apud* LE BRETON, D. **Sinais de identidade:** tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 40, 41.

¹⁴ Copla é um estilo de música espanhol.

"Mira mi brazo tatuado,
Con este nombre de mujer;
Es el recuerdo de un pasado
Que nunca más ha de volver.
Ella me quiso y me ha olvidado,
En cambio yo no la olvidé...
Y para siempre voy marcado
Con este nombre de mujer".

Él se fue una tarde, con rumbo ignorado, en el mismo buque, que lo trajo a mí.
Pero entre mis labios, se dejó olvidado, un beso de amante que yo le pedí.
Errante lo busco por todos los puertos. A los Marineros pregunto por él...

Y nadie me dice, si está vivo o muerto, y sigo en mi duda,
Buscándolo fiel.

Y voy sangrando lentamente, de mostrador en mostrador...
Ante una copa de aguardiente, donde se ahoga mi dolor.

Mira tu nombre tatuado, en la caricia de mi piel...

A fuego lento lo he grabado, y para siempre iré con él.

Quizás ya tú me has olvidado, en cambio yo no te olvidé...

Y hasta que no te haya encontrado, sin descansar te buscaré.

Escúchame, Marinero, y dime ¿Qué sabes de él?

Era gallardo y altanero... Era más rubio que la miel...

Mira su nombre de extranjero, escrito aquí, sobre mi piel...

Si te lo encuentras, Marinero, dile que yo muero por él...

Os procedimentos empregados na tatuagem eram bastante rudimentares e muito dolorosos, mas ao que parece a valorização da dor para estes grupos estaria relacionada a sinais de resistência, virilidade e sedução. (cf. p. 30).

Além dos marinheiros, no século XX, os circos da Europa costumavam exibir pessoas tatuadas. Nesses festivais era comum se contar histórias de perseguições e caça cujas marcas no corpo serviam para ilustrar tais contos que muitas vezes eram puras criações. Segundo Araújo (2005), o tatuado mais famoso desta época que se tem registro era o grego Capitão Constantino, cujo corpo exibia 388 imagens de animais. Segundo os dados, ele se apresentava em espetáculos contando que teria sido tatudado a força por uma tribo chinesa de mongóis.

Tatuagens de marinheiros estrangeiros que aportaram no Brasil no início do século XX. (acervo: DA CRUZ RIBEIRO, 1912)

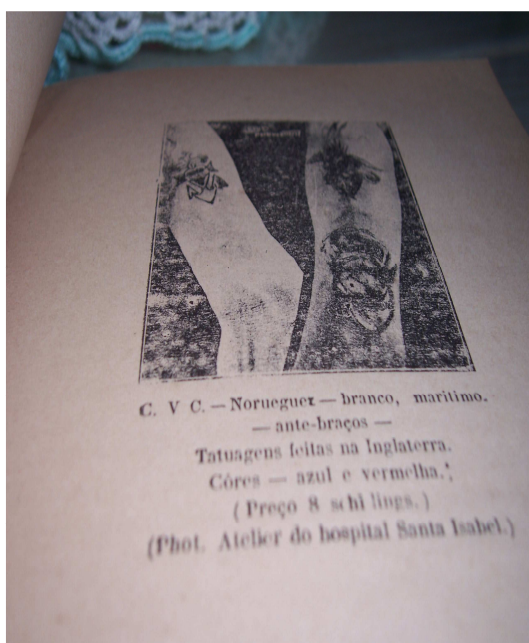


fig. 1 Norueguês, branco, marítimo. Tatuagens azuis e vermelhas nos antebraços feitas na Inglaterra.

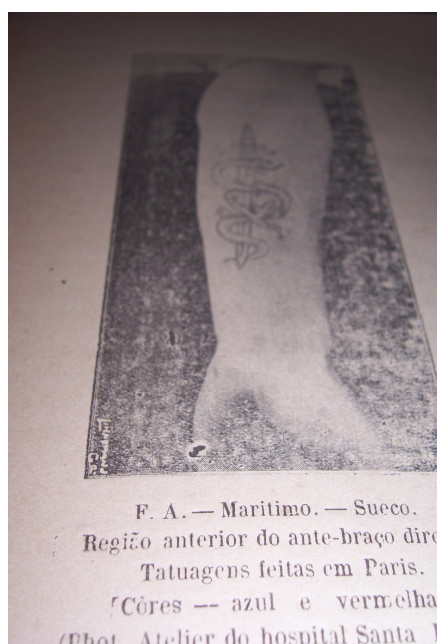


fig. 2 Sueco, marítimo. Tatuagens azuis e vermelhas na região anterior do antebraço feitas em Paris.

Outras pessoas também se aproveitam da situação para conseguir dinheiro e fama como bem ilustra o relato abaixo:

(...) Em 1828, John Rutherford chega a Bristol com a pele coberta de tatuagens maoris que ele afirma terem-lhe sido igualmente infringidas contra a sua vontade com dores terríveis. Constrangido a casar com a filha do chefe de quem diz ter três filhos, consegue, após seis anos de cativeiro, escapar num navio americano. Reencontra a sua família britânica, aureolado com o estatuto de vítima. Em breve, consciente do seu valor simbólico e mercantil, apresenta as suas tatuagens em público em Bristol ou em Londres antes de desaparecer¹⁵.

Na mesma época, James O'Connell é o primeiro americano a mostrar-se em salões e circos contando também as aventuras e seus dissabores com os canibais da Micronésia, que lhe pouparam antes de impor as cruéis tatuagens. A ficção da violência garante o valor das suas afirmações e justifica a razão de tais ornamentos. A tatuagem continua a ter uma reputação duvidosa, é contada como consequência de uma violência física e de uma ação perversa dos “primitivos”.

No final do século XIX e início do século XX destacava-se Wagner Gus, artista da tatuagem e viajante do mundo, que esteve em St. Louis (Paris) para tatuar na Feira de 1904. Sua esposa, Maud Stevens era uma das atrações por ser uma mulher tatuada. Antes de 1907 foi completamente coberta de tatuagens feitas por ele¹⁶. (cf. p. 32).

As mulheres começam a aparecer sobretudo a partir da década de 1920, em espetáculos circenses nos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. Contrariamente aos homens que costumavam relacionar a marca corporal a conteúdos violentos, elas contavam histórias de amor e erotismo por meio dos desenhos estampados na pele. Betty Broadbent (1930) apresentava-se em circos americanos, na Austrália e Nova Zelândia completamente tatuada. Nos idos de 1960, uma jovem australiana apelidada Cindy, cujo nome verdadeiro é Bev Robinson, foi considerada uma mulher bastante ousada para época. Possuía o corpo completamente tatuado, num momento em que poucas mulheres tinham essa marca na pele¹⁷.(cf. p. 33).

¹⁵ LE BRETON, D. **Sinais de identidade:** tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis.,p. 65, 66.

¹⁶ Disponível em:

<<http://translate.google.com/translate?hl=es&sl=en&u=http://oldschooltattooexpo.com/bert.html&sa=X&oi=translate&resnum=6&ct=result&prev=/search%3Fq%3D%2522museum%2Btattoo%2522%26hl%3Des%26sa%3DX>> Acesso em: 21. abr. 2007.

¹⁷ Disponível em:

<<http://translate.google.com/translate?hl=es&sl=en&u=http://oldschooltattooexpo.com/bert.html&sa=X&oi=translate&resnum=6&ct=result&prev=/search%3Fq%3D%2522museum%2Btattoo%2522%26hl%3Des%26sa%3DX>> Acesso em: 21. abr. 2007.

Pessoas tatuadas que se apresentavam em países da Europa no início do século XX (acervo: Amsterdan Tattoo Museum)



fig. 1 Wagner Gus, Maud Stevens e filho



fig. 2 Wagner Gus, artista da tatuagem



fig. 3 Feira de St. Louis (Paris) 1904



fig 4 Detalhe do cartaz utilizado na apresentação de Gus Wagner e Maud Stevens na Feira de St. Louis (Paris)

Mulheres tatuadas (acervo Amsterdan Tattoo Museum)



fig. 1 Betty Broadbent (1930)



fig. 2 Bev Robinson "Cindy" (1960)



fig 3. Bev Robinson "Cindy"



fig. 4 cartão de visita utilizado por Cindy

Inicialmente realizada de maneira artesanal em espaços abertos e propensos a infecções, a tatuagem se relacionava com os universos considerados marginais: dos ladrões, assassinos, prostitutas e delinquentes (LE BRETON, 2004). Os métodos usados para tatuar eram, inicialmente, ditos “pré-históricos”, considerados não higiênicos e inadequados pela propensão à infecção: “(...) no século XIX os médicos assinalavam inflamações, gangrenas, transmissão de sífilis, erisipelas, fleimões, adenites, etc., por causa de instrumentos não esterilizados que serviam em todos os clientes ou às mãos sujas dos tatuadores que trabalham muitas vezes nos bares”¹⁸.

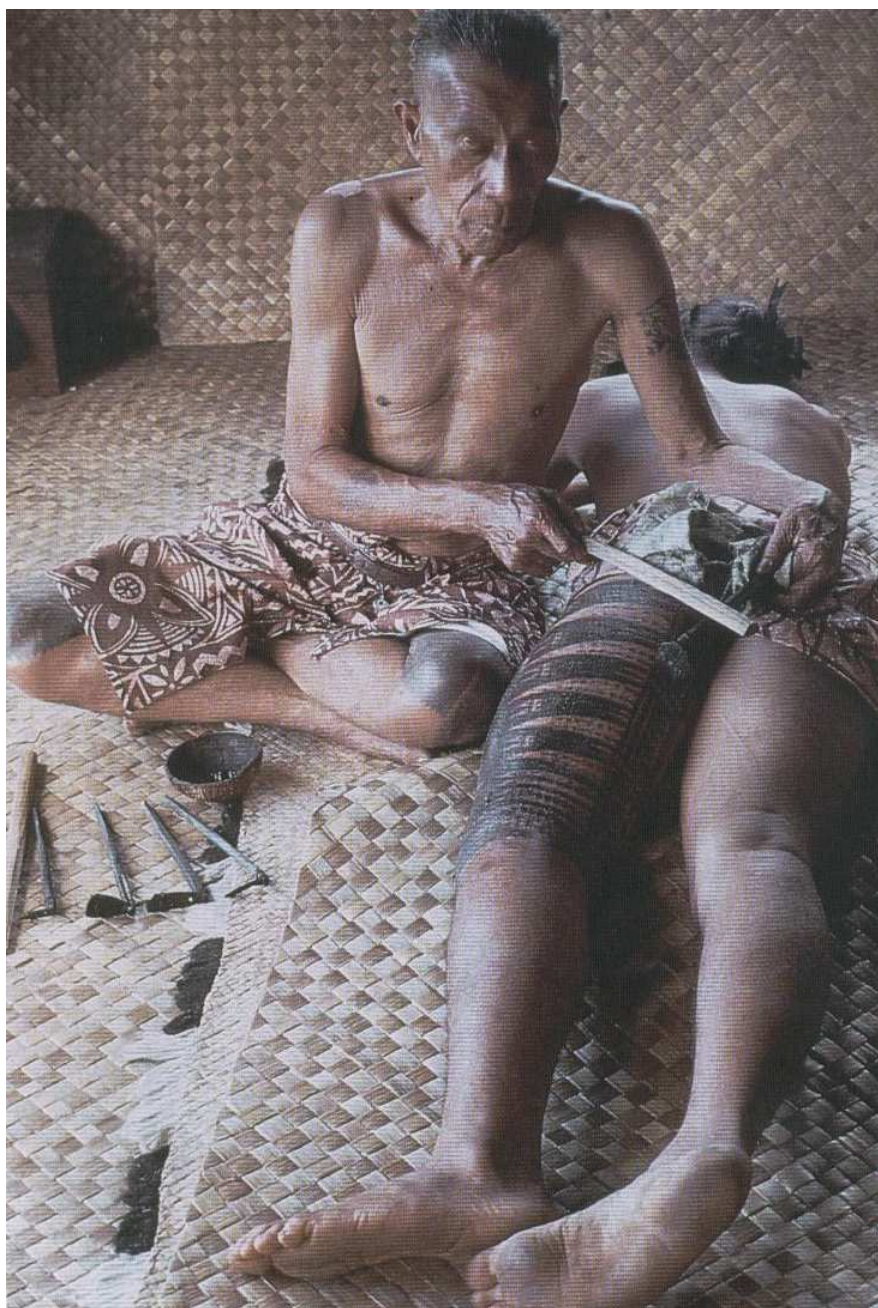
(...) Os bons tatuadores eram aqueles que só faziam uma picada na pele, ao passo que os inábeis chegavam a fazer até três para que a tatuagem ficasse nítida, o que resultava em um extravasamento de sangue. Depois de realizada, se lavava o local com água, álcool e, às vezes com saliva e urina, sendo comum, nestes casos, infecções. Usavam-se agulhas enfeixadas e amarradas em pé de calix, no qual colocavam fuligem proveniente da combustão de querosene misturada com suco de limão, ou ainda com anilina, anil graxa de sapato, carvão vegetal diluído em óleo e substâncias extraídas da nossa flora vegetativa. Os clientes escolhem a vontade, buscando no cérebro doentio ou na alma apaixonada a que lhe convenha¹⁹. (sic)

Segundo Tournier (1998), a palavra “tatuagem” vem do inglês *tattoo* e se originou a partir do contato do Europeu com povos do Thaiti, os quais usavam a onomatopéia *tatau* para se referirem ao barulho provocado pela ação do tatuador ao trabalhar na pele. O instrumento utilizado era um buril (cabo de madeira em que era fixado um osso de pássaro, pedaço de madrepérola, dente de peixe ou dentes humanos afiados); um bastonete, espécie de pequeno martelo utilizado para fazer penetrar o buril sobre a pele que ainda são usados até hoje. A tinta era a de cor preta retirada do caroço do *Bancoule tiairi* queimado e pulverizado e o pó era misturado com a água. Quando injetada na pele adquiria uma coloração azul. Para que as feridas cicatrizassem usava-se uma planta aromática (*Ahi tutu*). O tatuador, considerado um sacerdote, dispunha de muitos modelos de formas e trabalhava com cuidado a pessoa que ia se tatuar. Segundo a lenda, este povo crê que a origem desta prática seja divina, estando a marca reservada a homens e mulheres de classes superiores. (cf. p. 35).

¹⁸ LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 223, 224.

¹⁹ RIBEIRO, A. **Tatuagens, estudo médico legal**. 1912. (Dissertação em Medicina). Faculdade de Medicina da Bahia, p. 47.

Processo da tatuagem na Polinésia (acervo : DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997)



A modificação corporal é uma prática exclusivamente humana que está presente em várias culturas, com distintos significados: beleza, forma de reconhecimento num grupo, rito de passagem, maturidade sexual, etc. Em regiões da Índia, as mulheres tatuam as mãos, braços, pernas e pés como uma forma de beleza e sedução, por meio da introdução na pele de fluido de petróleo, misturado a óleo de quinino com leite e algumas vezes urinas (GENTIL GARCIA, 2003). (cf. p.37).

Na Nova Zelândia, entre os Maoris, há uma crença de que a tatuagem contém poderes sagrados, sendo o motivo mais recorrente o espiral, em que cada curva tem um significado. Há registro do século XIX de um grande tráfico de cabeças tatuadas que passou a ser um 'exotismo' europeu e, por conseqüência, um mercado rentável. Com a alta dos preços e a escassez das cabeças tatuadas, conta-se que alguns chefes ordenavam tatuar a força seus escravos antes de decapitá-los para comercializar suas cabeças (RAMOS, 2001, 42). (cf. p. 38).

Em alguns lugares do Japão é comum às mulheres *Ainous* tatuarem os lábios com finalidade estética deixando-os salientes e maiores. (cf. p. 39). A técnica de tatuar por meio do cabo de bambu com uma agulha na ponta surgiu neste país. Outra prática japonesa (*kakoushibori*), que segundo Caruchet (1995) é também muito comum em mulheres, consiste em utilizar pó de arroz ou óxido de zinco com um contorno vermelho, que só aparecem em determinadas circunstâncias, como na excitação sexual, após banho quente ou quando a pessoa está alcoolizada.

Tatuagem de henna na mão de uma indiana (Acervo : DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997)



Cabeças tatuadas *maoris*

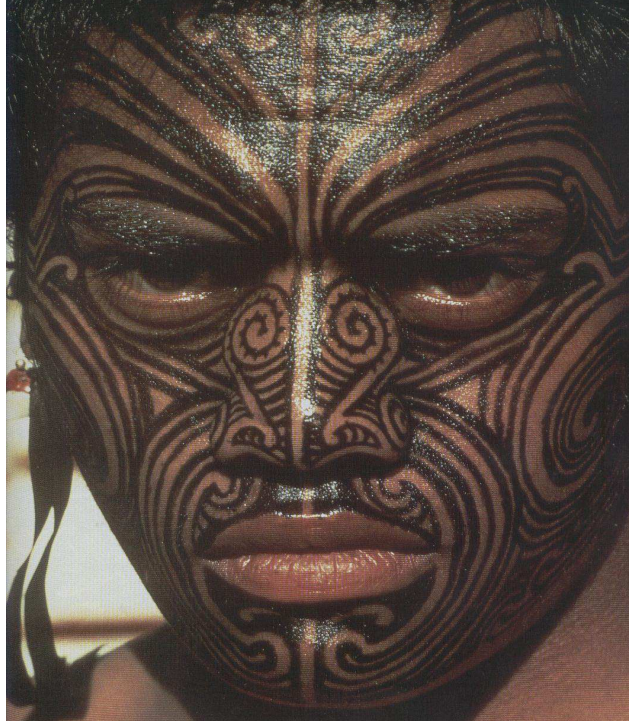


fig. 1 cabeça tatuada *maori*
Acervo : DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997



fig. 2 Cabeça tatuada *maori*
Acervo : Musée de L'Homme- Paris

Tatuagem na boca (acervo: DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997)



fig. 1 Mulheres Aïnous com boca tatuada como signo estético.

No Brasil, entre determinadas etnias indígenas, a pintura corporal sempre foi bastante valorizada. Entre os Kadiwéu o desenho ou a forma indicava a posição social no grupo. Suas pinturas ainda hoje são consideradas como uma das mais importantes da América. Enquanto aos homens são atribuídas esculturas, às mulheres, pinturas e decorações de cerâmica e pele.

(...) A mulher pinta as outras improvisando motivos. Ornamenta o lábio superior com um motivo em forma de arco terminado nas duas pontas em espirais; depois divide o rosto com um traço vertical, cortado no sentido horizontal, às vezes. A face, dividida em quatro, frinchada- ou até mesmo cortada no sentido oblíquo-, é então decorada livremente com arabescos que levam em conta o lugar dos olhos, do nariz, das faces da frente e do queixo, desenvolvendo-se como um campo contínuo. Em composições complicadas, mas sempre equilibradas, tem início partindo-se de um canto qualquer e vão até o fim sem hesitação nem rasura. Apelam para motivos simples, tais como espirais, esses, cruces, losangos, gregas e volutas, mas esses são combinados de tal forma que cada obra possui um caráter original. Em quatrocentos desenhos reunidos em 1935, não observei dois semelhantes²⁰.

Os índios Karajá, da Ilha do Bananal, ainda hoje tatuam círculos nas faces. Os Botocudos também são bastante conhecidos pelos enormes discos nos lábios e nas orelhas que vão substituindo e aumentando de tamanho conforme a idade. Segundo Viertler (2000), entre os Bororo as partes do corpo moles como a boca e as orelhas estão associadas à volúpia e licenciosidade dos impulsos sexuais. Para enrijecerem são perfuradas pelo adorno labial e brinco. A depilação do rosto e do corpo é também um requisito fundamental de beleza, ao mesmo tempo em que purifica, realça o efeito estético dos adornos e pinturas. Estes índios se tornaram conhecidos pela suntuosidade dos seus adornos, vaidade e preocupação com os enfeites e com a aparência. Claude Lévi-strauss (1996) descreve poeticamente a vaidade desses índios, merecendo se deter fielmente ao parágrafo:

(...) A nudez dos habitantes parece protegida pelo veludo herbáceo das paredes e pela franja das folhas de palmeiras: eles se esgueiram para fora de suas casas como quem se despisse de gigantescos roupões de avestruz. Os corpos, jóias desses estojos de plumas, possuem formas depuradas e de tonalidades realçadas pelo brilho das pinturas e das tintas, suportes-dir-se-ia- destinados a valorizar os ornamentos mais esplêndidos: as pinceladas grandes e brilhantes dos dentes e presas de animais selvagens, associados às penas e às flores. Como se uma civilização inteira conspirasse numa idêntica ternura apaixonada pelas formas, as substâncias e as cores da vida; e que, a fim de reter em volta do corpo humano sua essência mais rica, apelasse-entre todas as suas produções- para as que são duráveis ou fugazes em extremo mas que, por um curioso encontro, são depositários privilegiados²¹.

²⁰ LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p.173.

²¹ *Ibidem*. p. 202, 203.

Segundo o autor citado, os homens viviam nus apenas com cones de palha cobrindo o pênis e alguns se avermelhavam com sementes de urucum, cobrindo até os cabelos. Em ocasiões especiais, como festas, costumam enfeitar o estojo peniano com as cores e formas do clã. As mulheres também se pintavam e cobriam a região entre as coxas, tirinhas de algodão eram apertadas em volta dos tornozelos, bíceps e pulsos, deixando uma marca na pele pela pressão no sangue. Estes povos costumam, no momento de um falecimento, esperar que o corpo apodrecesse para lavar os ossos, pintá-los e enfeitá-los com mosaicos de plumas antes de imergi-los numa cesta e colocá-los num rio. (cf. p. 42).

Já os Tupinambás eram temidos por seus costumes entre os quais o canibalismo e a prática da tatuagem nos guerreiros que capturavam os inimigos (HARRIS, 1987). Hans Städen, um marinheiro alemão que naufragou na costa brasileira em princípios do séc. XVI descreveu como um grupo de índios combinava o canibalismo com o ritual de sacrifício:

(...) El día del sacrificio, el prisionero de guerra, atado por la cintura, era arrastrado hasta la plaza. Rodeado por mujeres, que lo insultaban y lo maltrataban, se le permitía, no obstante, desahogarse arrojándoles frutas o fragmentos de cerámica. Mientras tanto, las ancianas, pintadas de negro y rojo y engalanadas con collares de dientes humanos, sacaban las vasijas ornamentadas en las que se cocinarían la sangre y las entrañas de la víctima. Los hombres se pasaban unos a otros la maza ceremonial que se utilizaría para matarlo con el fin de 'adquirir el poder para hacer un prisionero en el futuro'. El verdugo vestía una larga capa de plumas y lo seguían parientes que cantaban y golpeaban tambores. Es verdugo y el prisionero se insultaban entre si. Al prisionero se le daban la suficiente libertad para poder esquivar los golpes y a veces le colocaban un garrote entre las manos para que se protegiera, aunque no podía envolver los golpes. Al final, cuando aplastaban su cráneo, todos 'gritaban y chillaban'...en ese momento, las ancianas 'corian a beber la sangre tibia' y los niños mojaban sus manos en ella. 'las madres untaban sus pezones con sangre para que incluso los bebes pudieran probarla'. El cadáver era cuarteado y cocinado a la parrilla mientras 'las ancianas, que eran las más anhelantes de la carne humana', chupaban la grasa que caía de las varas que formaban la parrilla.²²

²² STADEN *apud* HARRIS, M. **Caníbales y Reyes:** los orígenes de las culturas. Madrid: Alianza, 1987, p. 142.

Pintura corporal indígena



fig. 1 pintura feminina
(acervo: Fundação Joaquim Nabuco - Recife)



fig. 2 pintura corporal
(acervo: DORLÉAC *et al.*, 1997)



fig. 3 índios se preparando para
ritual. (acervo: DORLÉAC *et al.*, 1997)

Na África, alguns povos desenvolveram uma técnica própria para realçar na pele negra. Consiste na infecção voluntária por meio de incisões no corpo com material pontiagudo (bastão, espinho, conchas, cacos de vidro), que cortam a pele e por meio deles se introduzem determinados materiais, tais como: farinha, terra, folha de pimenta, óleo de dendê e bambu. Depois da cicatrização, aparecem os quelóides, também considerados como escarificações (LEUZINGER, 1961). (cf. p. 47). No contexto, a cicatriz epidérmica além de ser um tipo de estética, também pode funcionar como um signo étnico e, em função do local do corpo aplicado, pode ter inúmeros significados: amuleto protetor, representar a relação com os ancestrais, registro de um acontecimento, como um rito de iniciação, indicando neste caso, uma posição social. Apesar da importância da escarificação entre os negros, também há relatos de tatuagens coloridas aplicadas no rosto como complementos de máscara de madeira. Para muitos povos a pintura tem uma linguagem simbólica, aumenta a energia vital, é objeto de culto nas famílias, nas associações secretas e no totemismo. Nos lugares em que predominam os velhos costumes, os pintores negros têm preferência por motivos geométricos: linhas em ziguezague, triângulos e quadriláteros, círculos e semicírculos, pontos e linhas. O adorno guarda uma relação muito significativa com o seu portador. Serve para dignificar o senhor, a posição da mulher casada, a elegância das jovens, o prestígio do rico, o êxito do caçador e do guerreiro.

Leiris e Delange (1967) consagraram uma obra para retratar o quanto a beleza corporal é também objeto de busca explícita em vários povos africanos. Por possuírem bom gosto para o adorno, tiram partido de material mais modesto como casca de ovo de avestruz, conchas, dentes de animais, palhas trançadas, tampas de garrafa, botões de roupa, etc. Para alcançarem a estética desejada não medem esforços nem retrocedem a qualquer forma de dor, chegam até a mutilar partes do corpo sobretudo os orifícios, como os dentes, orelhas, nariz e boca. A esse respeito destaca-se Dos Santos (1948) e sua pesquisa realizada por parte de missões portuguesas antropológicas a Moçambique (1945-1946), em que foi registrado a prática das mutilações auriculares em mulheres como um costume milenar passado de mãe para a filha com finalidades de embelezamento. Por meio de uma faca afiada se cortavam porções maiores ou menores da orelha. Para conseguir dar uma forma arredondada ao buraco, eram introduzidas hastes de caniço até cicatrizarem. Tais mutilações se constituíam por largas perfurações em várias regiões da orelha, que iam de 1 a 3 e, excepcionalmente, 5 buracos.

Em algumas etnias senegalesas, duas incisões na altura dos olhos teria o objetivo de melhorar a visão, os cortes frontais, segundo eles, aliviam dores de cabeça. Na Nigéria é comum fazer três incisões na testa do bebê para preveni-lo de futuras doenças, isto pode se explicar a partir da crença de que o sangue é o causador de muitas enfermidades, e por isso deve ser eliminado. O alargamento do crânio é uma técnica que se pratica em partes do Congo e do Nilo, pelos mangbetu de classe alta. Com tal fim, comprimem a cabeça da criança com pedaços de madeira planos. Para sublinhar e aperfeiçoar a deformação, fazem do penteado uma verdadeira obra de arte, sobretudo as mulheres que costumam enfeitar os cabelos com erva, dando-lhes mais volume. Atestado desde o paleolítico superior, a mutilação dentária é uma prática estendida na zona equatorial e na Guiné. Orifícios do corpo como orelhas, nariz e boca sofrem freqüentemente modificações, por serem considerados lugares de intercâmbio entre o mundo exterior e interior (RAMOS, 2001).

Com a penetração dos colonizadores e missionários em outras culturas, algumas práticas relacionadas às marcas e ritos corporais como a tatuagem ou a escarificação foram condenadas, desaparecendo em populações inteiras ou perdendo seus significados originais²³. Para muitos religiosos, qualquer tipo de enfeite se associava à impureza e ao pecado, uma vez que havia por parte da igreja cristã um rechaço pela cosmética, pois a beleza não deveria ser buscada, já que era dada por Deus, conforme refere Castiglione: “Diría que la belleza proviene de Dios y que es como un círculo cuyo centro es la bondad. De ese modo, resulta raro que el alma mala habite en un hermoso cuerpo y por eso la belleza exterior es el verdadero signo de la belleza interior”²⁴.

Os cristãos acreditavam que o homem era criado por Deus a sua imagem e semelhança e segundo o Gênesis não se poderia mexer no corpo para preservá-lo à eternidade. A integridade do organismo era um dos atributos para guerreiros e sacerdotes, ser santo era ser total, ser uno. Quem tocava o corpo humano era discriminado, pois infringia um tabu cristão, de forma que no século XII o concílio de Trento proibiu os médicos monásticos de proceder à sangria, prática corrente na época, já que violava os limites da carne. A distinção entre corpo e alma, carne e espírito, praticamente não existe nas escrituras, só aparece depois, com a influência da

²³ Ver: Anexo V.

²⁴ CASTIGLIONE *apud* VIGARELLO, G. **Historia de la belleza**: el cuerpo y el arte de embellecer desde el renacimiento hasta nuestros días. Buenos Aires: Nueva visión, 2005, p. 34.

linguagem herdada dos filósofos gregos. Os autores do novo Testamento assim analisavam o corpo humano:

(...) El cuerpo corruptible hace pesada el alma. En la nueva terminología, la palabra cuerpo, sôma, sustituirá, en muchos casos, la palabra carne, sarx. Este ultimo sigue siendo sin embargo el que se emplea con mayor frecuencia cuando se trata de evocar las debilidades de la naturaleza humana que dependen de su componente animal: la precariedad de la carne destinada a la corrupción, sus exigencias, que la convierten en sede de las pasiones e instrumentos del pecado, su impotencia natural para elevarse hacia Dios e incluso su predisposición a la lucha contra la acción divina del Espíritu. Todo lo que es propio de la carne se opone a la vida espiritual. Por eso, las que pertenecen a Cristo han crucificado su carne con sus pasiones y deseos. Ciertamente, al igual que todos los hombres, el cristiano es carnal. En razón de su condición humana, vive en la carne, pero non según la carne, es decir, abandonándose a sus impulsos y sus tiranías. En la vida según el espíritu a la que se compromete, el bautizado, integrado en el cuerpo de Cristo, que también se hizo carne, obtiene por su reconciliación en este cuerpo de carne, su purificación y su santificación, es decir, su salvación²⁵.

Conforme a Bíblia faz referência: **“Não fareis incisão no corpo de um morto nem fareis em vós próprios tatuagens”**²⁶ (grifo nosso).

Em outra passagem bíblica, ao relatar a morte de Abel, o Senhor diz a Caim:

(...) Agora, pois serás maldito sobre a terra, que abriu a sua boca e recebeu o sangue do teu irmão da tua mão. Quando tu tiveres cultivado, ela te não dará os seus frutos. Tu andarás vagabundo e fugitivo sobre a terra. E Caim disse ao Senhor: O meu crime é muito grande, para alcançar o teu perdão. Tu me lanças hoje fora da terra, e eu serei obrigado a me esconder diante da tua face, e andarei vagabundo e fugitivo na terra. O primeiro, pois, que me encontrar, matar-me-á. Respondeu-lhe o Senhor: Não será assim, mas todo o que matar Caim será por isso castigado sete vezes em dobro. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para ninguém que o encontrasse, o matar²⁷. (sic)

Segundo informações da ordem franciscana, Frey pacífico viu São Francisco marcando sua testa com uma cruz em forma de TAU. A TAU é um nome em grego que corresponde a letra “T”. A semelhança da letra com a cruz em que Cristo reclinou sua cabeça, a converteu em um anagrama de crenças antigas e é um signo particularizado da Ordem Franciscana. Acredita-se que com ela, o franciscano tatua sua alma e se identifica com Cristo. A TAU confeccionada em madeira é considerada um signo de devoção cristã. Conta-se que os franciscanos negam que se trata de uma tatuagem, assim como não aceitam a hipótese da identificação com a cruz de Cristo. Por outro

²⁵ NOVO TESTAMENTO *apud* SENNET, Richard. **Carne e pedra**: O corpo e a cidade na civilização ocidental. 3 ed. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 230, 231

²⁶ BÍBLIA *apud* LE BRETON, D. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 26.

²⁷ Alcorão *apud* LE BRETON, D. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004, p. 30.

lado, acreditava-se também que o Diabo marcava com um sinal a testa de bruxos recém-iniciados, conforme atestam pinturas do século XVIII²⁸ O Islamismo também proíbe a tatuagem. O Alcorão coloca: “**a tatuagem é uma marca satânica, causa maldição, as abluções rituais não tem efeito nenhum sobre a pele tatuada**”²⁹ (grifo nosso).

Criação divina, o corpo humano era associado ao sagrado, marcá-lo era passá-lo ao profano, ao proibido, pecaminoso e sujo (DOUGLAS, 1966). Mexer na carne significava contaminá-la, desta forma a pele, invólucro protetor, deveria está coberta para nem mesmo receber os raios do sol. Nos tratados de beleza do século XVI há um rechaço por parte de religiosos pela cosmética. Relacionando a brancura do corpo à limpeza da alma, na Idade Média as mulheres nobres empregavam severos métodos para perder sangue e ficarem com o aspecto de palidez. Sangrias, laxantes, esfregamento das extremidades do corpo, ventosas na nuca e nos ombros, escarificações, sangue sugas nas bochechas, na ponta do nariz ou na testa, etc. Locateli em 1664 descreve as francesas: “nacen con esa blancura que conservan absteniéndose del vino, bebiendo mucha leche, recurriendo a sangrías muy frecuentes, a lavativas y también a otros medios: por lo tanto no hay que maravillarse de que sus mejillas sean rosadas y sus senos de color de lirio”³⁰. Nesta época o tema do enfeite evocava a prostituta, que quando era retratada sempre levava a pele avermelhada nas bochechas, os cabelos soltos, despenteados e desarrumados.

Devido à reputação da religião em relação às marcas corporais e às iniciações que correspondiam, os europeus não a praticavam, mas por outro lado, na Idade Média os homens iniciavam-se muito cedo na caça e na guerra e o adolescente deveria demonstrar sua valentia frente ao perigo e a morte. Na Grécia antiga os jovens eram treinados em exercícios militares para serem adultos e poderem lutar, muitas vezes os treinamentos eram voltados ao corpo com o objetivo de que este se disciplinasse e o indivíduo adquirisse aptidão física. Em alguns casos, o jovem era obrigado a ficar descalço e dormir no chão em pleno inverno. Havia ocasiões em que tinha que correr pelo campo toda noite até amanhecer. Com isso, ele passava a ter plenos direitos de cidadão, poderia fundar uma família e participar da vida política da cidade (SCHMITT, 1996).

²⁸ VÁZQUEZ HOYS, Ana Maria. **Arcana mágica**: diccionario de símbolos y términos mágicos. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2003, p. 523-524.

²⁹ *Ibidem.*, p. 30.

³⁰ LOCATELI *apud* VIGARELLO, G. **Historia de la belleza**: el cuerpo y el arte de embellecer desde el renacimiento hasta nuestros días. Buenos Aires: Nueva visión, 2005, p. 78.

Escarificações africanas (Acervo : DORLÉAC, Laurence Bertrandt, *et al.*, 1997)

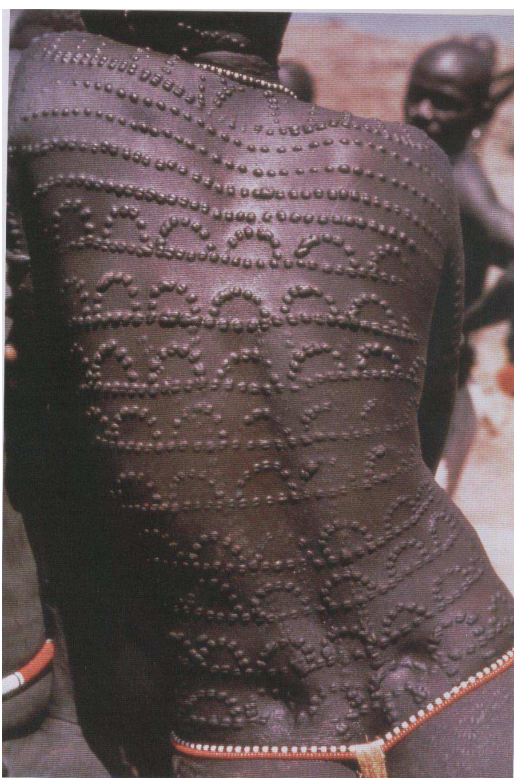


fig. 1 escarificação nas costas
África

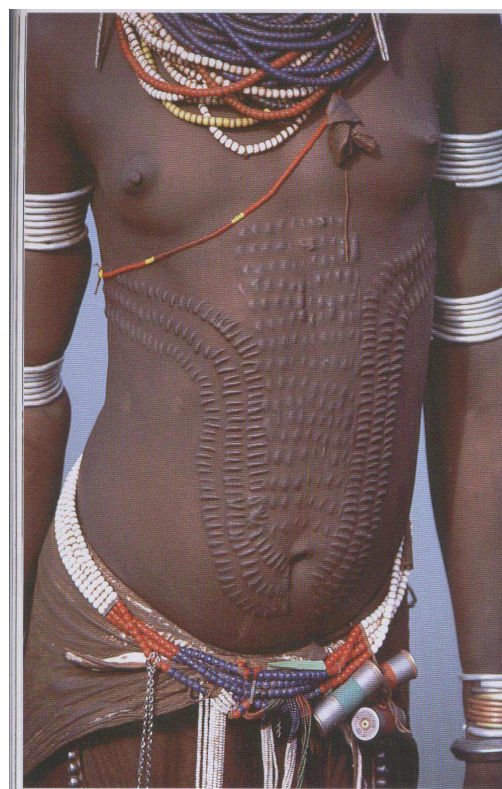


fig. 2 Escarificação no abdome - África

Na Polinésia, no início do século XIX, uma lei britânica provavelmente sob a influência da moral e ética protestante proibiu a tatuagem sob pena de pesadas multas:

(...) Ninguém deverá tatuar-se. Esta prática deve ser inteiramente abolida. Pertence aos antigos e maus hábitos. Os homens ou as mulheres que mandem gravar tatuagens, se a coisa é manifesta, serão julgados e punidos. A punição do homem será a seguinte: deverá trabalhar num troço de estrada comprida 10 toesas para a primeira tatuagem, 20 toesas para a segunda ou partir pedra numa extensão de 4 toesas e numa largura de 2 toesas. A punição da mulher é a seguinte: deverá fazer dois grandes casacos, um para o rei e outro para o governador³¹.

Segundo Le Breton (2004), em 1885 estudiosos perceberam que nas ilhas Marquesas as tatuagens desapareceram sob a autoridade dos missionários protestantes e dos colonos europeus. Apesar das Leis, muitos religiosos marcaram com um sinal tatuado o rosto daqueles que transgrediram certos costumes por eles impostos. Nesta mesma época há o registro de uma mulher na Polinésia que foi condenada à morte por ter assassinado o marido. No entanto, em troca da vida, aceitou ser tatuada, sendo marcada na testa a partir de ossos e conchas pontiagudas com a palavra *murderer* (assassina)³². Como signo de estigma e exclusão, a marca no corpo, seja por corte, queimadura ou pela própria tatuagem foi utilizada na Grécia antiga para advertir que o portador da marca era um escravo, um criminoso ou um traidor e por isso deveria evitar lugares públicos. Essa prática posteriormente também foi adotada em outros países, como a França, que em 1685, o código *Noir de Colbert* determinava que o escravo fugitivo deveria ser marcado com uma flor de Liz e uma orelha cortada (RAMOS, 2001).

No Brasil, era comum aos escravos sofrerem dores por meio de castigos corporais que foram incorporados ao código penal do império com a intenção de que, sob pressão e torturas que incluíam marcas a ferro e mutilações de partes do corpo, cedessem ao que fosse necessário. Em 1930, no nordeste do Brasil, algumas mulheres foram marcadas na pele com o mesmo ferro usado para marcar o gado, como uma maneira de delimitar o pertencimento ao cônjuge ou por castigo, principalmente, por adultério³³. (cf. p.49).

³¹ LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis, 2004p. 246.

³² CARTA, G. Os caminhos da tatuagem: uma mostra investiga a misteriosa história da arte da gravar o corpo. **Revista Carta capital**. Ano IX, n. 203, p. 50-51, ago. 2002. ISSN 0104-6438.

³³ CALHEIROS, Vladimir. Creusa Ferrada. **Jornal do Comércio**. Recife, 24 de jun. 2006.

Mulheres ferradas (Acervo: Museu de Triunfo- Pernambuco)



fig 1. Olindina Marques, ferrada por José Baiano. Canindé-Sergipe (1932)



fig. 2 Olindina Marques / Maria Marques ferradas por José Baiano . Canindé-Sergipe (1932)



fig. 3 mulher ferrada com asiniciais de José Baiano

Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães fizeram uso das tatuagens nos campos de concentração para identificar a população de judeus, ciganos, homossexuais e prisioneiros políticos que chegavam aos campos de concentração. Também se mandava fazer abajus com peles humanas tatuadas nos campos nazistas. O pelotão de proteção de Hitler era tatuado nas axilas com as iniciais e grupos sanguíneos para facilitar a captura de algum membro no caso de não agir conforme o que era previsto e, por outro lado, dar prioridade de assistência médica a eles, com transfusão de sangue, se necessário (RAMOS, 2001).

No século XIX houve um grande investimento filosófico e científico, inclusive na área da Antropologia Física, com destaque para as pesquisas em torno da fisiologia natural. Os primeiros estudiosos evolucionistas partiam do princípio de que o homem obedecia a um padrão de desenvolvimento segundo uma escala evolutiva comum a toda raça humana. O máximo da evolução seria atingir o padrão corporal do europeu que serviria de parâmetro ao ápice do progresso. A maioria dos relatos dessa época mostra uma exacerbação do europeu que caracterizava o homem “primitivo” como inferior, tanto do ponto de vista orgânico quanto intelectual. De acordo com essa perspectiva, as marcas corporais, sobretudo a tatuagem estavam associada à “primitividade”. No final do século XIX e início do século XX, os indivíduos com suas peles marcadas eram muitas vezes comparados aos “selvagens” das sociedades tradicionais, ou seja, homens menores, de inteligência curta, pouco civilizados e propensos a todas as formas de delinqüência.

As primeiras propostas de interpretação científica partem da escola positivista italiana com Cesare Lombroso. Segundo Alvarez Licono (1998), Lombroso desenvolveu todo um postulado pautado na biologia, segundo o qual era possível designar o biótipo do criminoso, através dos seguintes fatores: Elementos Anatômicos (assimetria cranial e facial, região occipital predominante sobre a frontal, fortes arcadas superciliares e mandíbulas); Elementos Fisiológicos (insensibilidade, invulnerabilidade e ambidestria); Elementos Psicológicos (tato embotado, olfato e paladar obtusos, visão e audição ora fracas ora fortes, falta de atividade e inibição) e Elementos Sociológicos (existência de tatuagens no corpo). Em 1876 Lombroso publica *El Hombre Delincuente*, descrevendo a 3ª parte sobre a biologia e psicologia do delinqüente nato, dedicando o capítulo 1: *Del tatuaje en el delincuente*, a interpretar as tatuagens. A partir das perspectivas dadas pelo positivismo, as causas que levam as pessoas a se tatuarem são:

- 1) la religión, como se ve en las bandas de peregrinos;
- 2) la imitación, que obra tanto en el ejército, como en la marina, como en las cárceles;
- 3) La venganza, que de esta suerte quieren perpetuar, al menos en efigie, como un compromiso y una amenaza: es importante porque corresponde al registro de que se sirven los salvajes, y porque demuestra la imprudencia de los criminales;
- 4) El ocio y la vanidad, como acontece en los salvajes;
- 5) sobre todo, el atavismo, como reproducción de una costumbre difundida entre los pueblos primitivos y entre los salvajes, con quienes los delincuentes tienen tantas afinidades, según ya se ha advertido, por la violencia de las pasiones, por lo de la sensibilidad, por la vanidad pueril y el ocio prolongado, y también el atavismo histórico, como sustitución de una escritura con símbolos y jeroglíficos a la escritura común, alfabética³⁴.

O caráter estigmatizado da tatuagem era claro e as disciplinas encarregadas em estudá-la eram a Antropologia Criminal, que posteriormente deu lugar à Criminalística, à Medicina Legal e à Psicologia. O estudo das *tattoos* era efetuado dentro de prisões, com psicopatas e criminosos. Por meio da marca no corpo e de outros signos se buscavam explicações para as condutas anti-sociais, numa tentativa de explicar os motivos, as causas ou os fatores que levam o homem a ser um delinqüente. A tatuagem efetuada nos presídios possui uma significação bastante peculiar, um código próprio que faz parte da cultura carcerária. Para os especialistas a marca é uma forma de identificar a personalidade do criminoso, bem como seus antecedentes sendo um tipo de linguagem codificada presente em desenhos bastante agressivos que se relacionam com a estória do crime. As tatuagens das cadeias não mostram vivacidade como as de estúdios, são envelhecidas, feitas com tintas de má qualidade. A marca corporal também pode funcionar como um tipo de liberdade para com o corpo. Em presos, por exemplo, é muito comum gestos de autoflagelação, como queimaduras de cigarro, cortes, escoriações, ingestão de objetos e mutilações, muitas vezes, para se fazerem ouvir pelas autoridades. Cortar um dedo ou engolir um isqueiro é um meio de chegar até o juiz e intermediar a sua causa (PAREDES, 2003).

³⁴ LOMBROSO *apud* ALVAREZ LICONA, N. **Las Islas Marías y la práctica del tatuaje**: estudio de las estrategias de adaptación en una institución total. 1998. (Tese em Antropologia). Universidad Complutense de Madrid.